puxar o fio da vida

A viagem desenhada de António Jorge Gonçalves

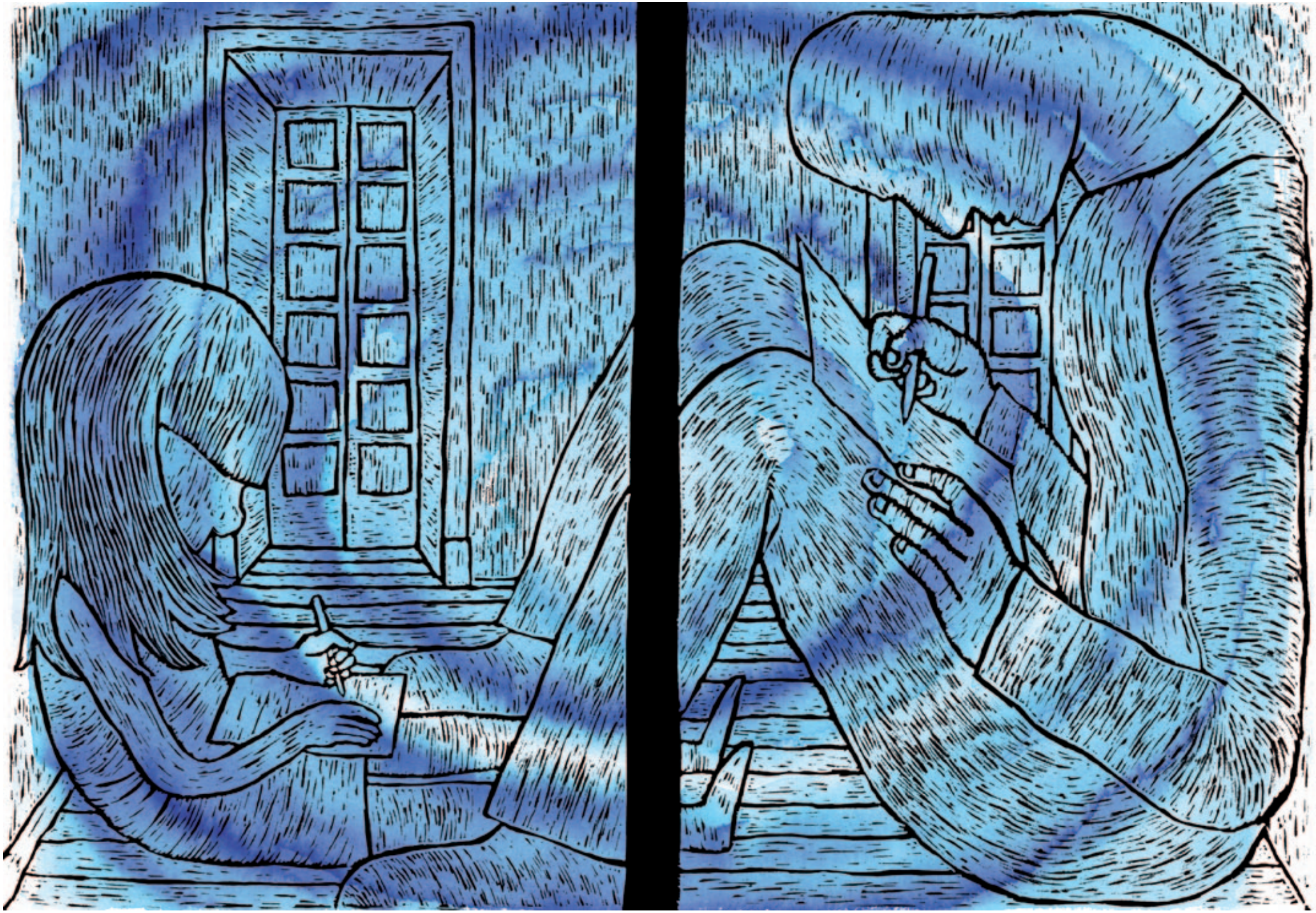
SARA FIGUEIREDO COSTA

O mais recente trabalho de António Jorge Gonçalves intitula-se *A Minha Casa Não Tem Dentro* (Abysmo) e é um livro onde a iminência da morte reclama a importância da memória, da desordem e do mistério com que nos vamos construindo à medida que o tempo passa. O gatilho autobiográfico é desvendado pelo autor numa página prévia, explicando-se ali que António Jorge Gonçalves teve um problema de saúde que o colocou entre a vida e a morte: «No dia 22 de fevereiro de 2016 – por causa de uma veia que rebentou no meu estômago – morri e regressei à vida, num acontecimento que atravessou espaço e tempo separando e unindo em simultâneo. Descrevê-lo com desenhos faz parte dessa viagem.»

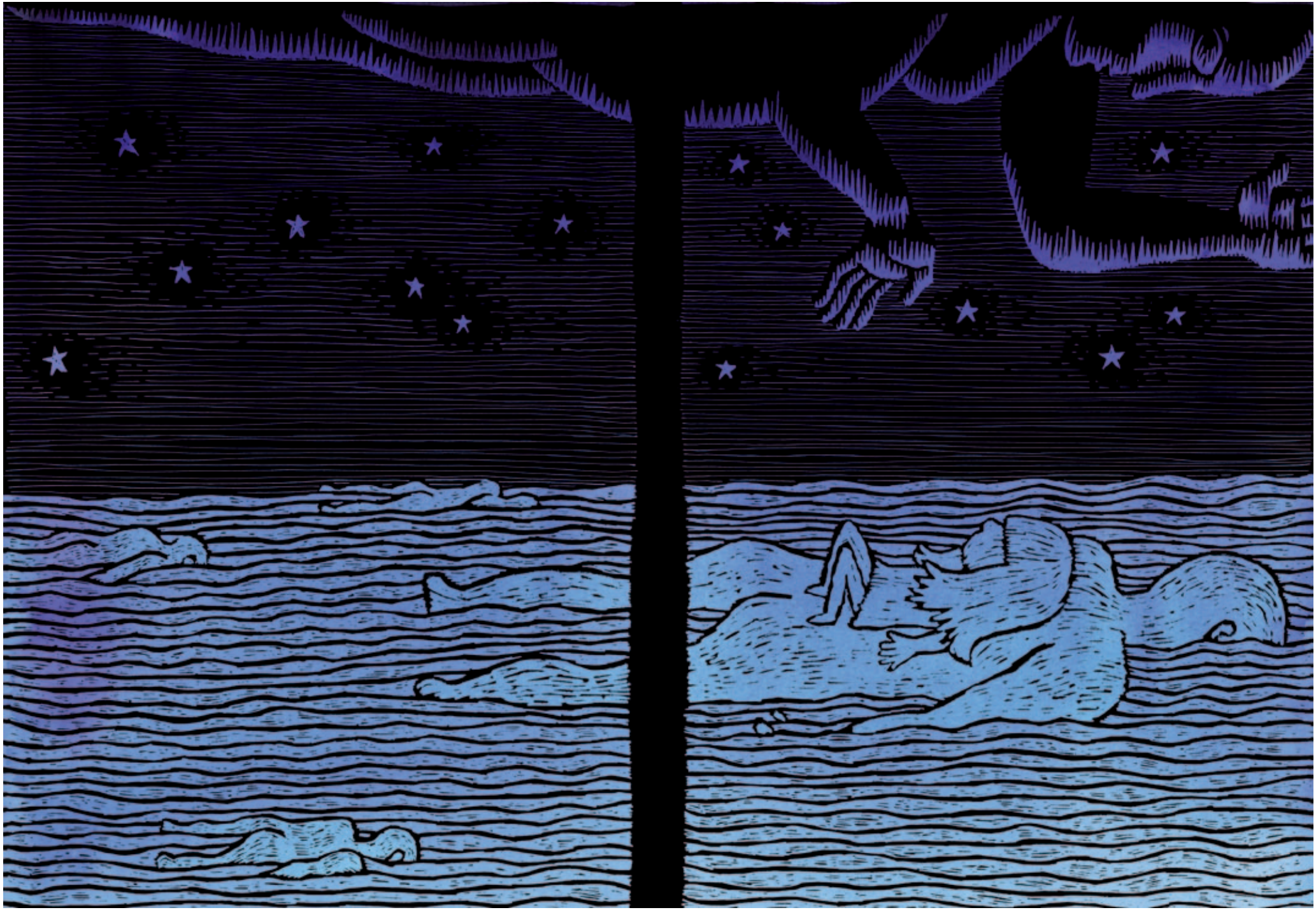
O livro não é uma descrição detalhada e realista desse momento ou um recordar aliviado do que passou para uso dos que nunca experimentaram tal situação. Será, antes, uma sucessão de reflexões, visões e memórias que transformam a matéria que lhe deu origem num ponto de fuga, ou talvez mais acertadamente numa linha que nunca se cortou e que manteve o autor sempre agarrado à vida.

À *Blimunda*, o autor de *A Minha Casa Não Tem Dentro* explicou como decidiu transformar um acidente com a sua saúde, momento supostamente privado e íntimo, num livro que todos poderiam ler. «Na realidade, desde que a minha filha nasceu que eu trago dentro uma sensação, uma necessidade de fazer um livro confessional/sacrificial – à falta de melhores palavras, embora não muito satisfeito com estas. Em dezembro de 2015 tive uma prostatite que me deitou abaixo e me trouxe, enigmaticamente para mim, na altura, a sensação clara de que tinha chegado a altura deste livro. Comecei a trabalhar nele e em janeiro a prostatite estava curada, mas o livro não tinha asas, apenas umas patinhas de réptil. Continuava a sentir a urgência de o fazer, mas tinha uma primeira versão nas mãos muito insossa. Em fevereiro fui parar às urgências [do Hospital] de São José e no primeiro dia que lá fiquei internado iluminou-se tudo na minha cabeça: era aquilo que faltava, era aquilo que eu tinha de passar para fazer o livro. Embora os médicos me digam que não há relação entre a prostatite e a lesão de Dieulafoy [a veia que rebentou no estômago], estou convicto que a prostatite e o tal chamamento que senti em dezembro foram para me colocar em posição, disponível para o que iria acontecer – tal como os pássaros sentem a tempestade à distância.»

É precisamente com uma referência ao papel do desenho na formação do narrador que este livro abre. Duas pranchas, de seis vinhetas cada, apresentam texto manuscrito sobre fundo branco, contando o modo como uma professora elogiou os seus desenhos na escola. Nas



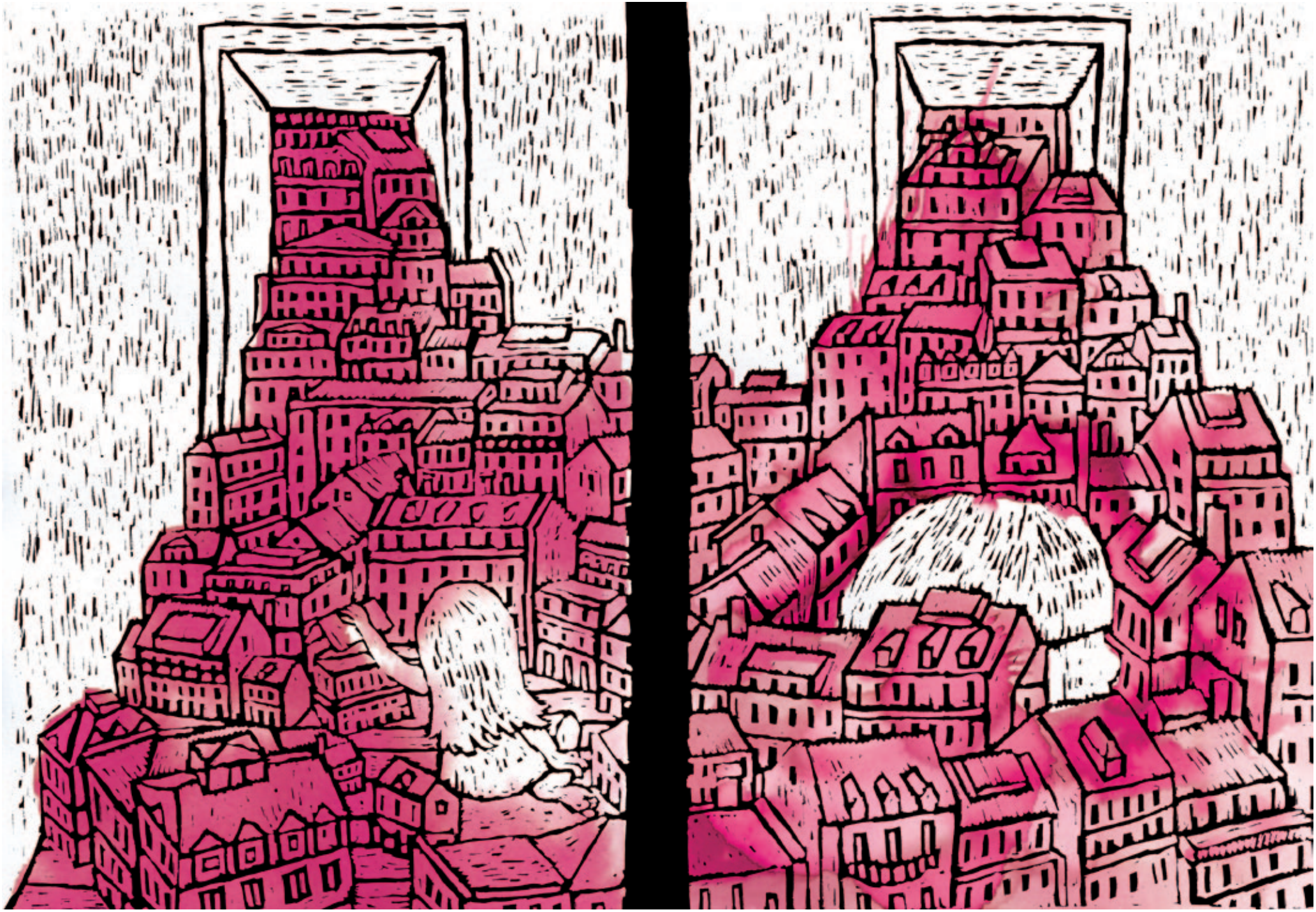
duas pranchas seguintes, um homem e uma menina desenham sentados no chão, numa imagem dominada pelo azul. E nas duas que se seguem, uma ambulância do INEM entra em cena, com o vermelho a marcar, agora, o tom da cena. A partir daí, a menina assume o protagonismo, iniciando uma espécie de viagem que se oferece a muitas leituras. É uma viagem solitária, entrecortada por várias imagens que remetem para a memória – hipoteticamente, do narrador primeiro, dificilmente separável do autor, mesmo que queiramos cumprir todas as regras da boa exegese. Sempre com o azul e o vermelho a lembrarem o fluxo sanguíneo de um corpo, entre artérias e veias, o livro prossegue numa sucessão de composições onde o corpo humano e os instrumentos hospitalares que o ajudam a sobreviver assumem destaque, para além de fragmentos de memórias, por vezes quase reproduções de fotografias, mesmo que sem rosto, danças macabras e referências a outras descidas ao limbo entre a vida e a morte. Dante é aqui uma referência possível, entre o rio que se cruza com a ajuda de Caronte, o caminho descendente para os círculos do sub-mundo e a revisitação constante do que o cérebro – ou o coração – guarda como essencial. Cruzar todas estas imagens e referências num trabalho que não deixa de ser sobre um episódio pessoal não foi, para António Jorge Gonçalves, algo que necessitasse de muita planificação prévia: «Foi tudo muito fácil. O livro mais fácil de fazer de todos os que já fiz. Nas três semanas em que estive no hospital tomei notas, daquilo que pensava, mas sobretudo daquilo que via. Que via? Que habitava? Estava muito por dentro de certas coisas, é difícil encontrar uma palavra justa para definir. Quando entrei em convalescença, só queria que chegasse o dia de me sentar à minha mesa com canetas e tintas e ter forças para desenhar aquilo tudo. Tinha imensas viagens de espetáculos marcadas para essa altura. Tive de desmarcar tudo. Tive o tempo para mim: para reganhar forças, para cuidar de mim, e todos os dias me sentava e desenhava e pintava. Sem ordem, sem plano, imagens que a início não eram sequências, mas que a certo mo-



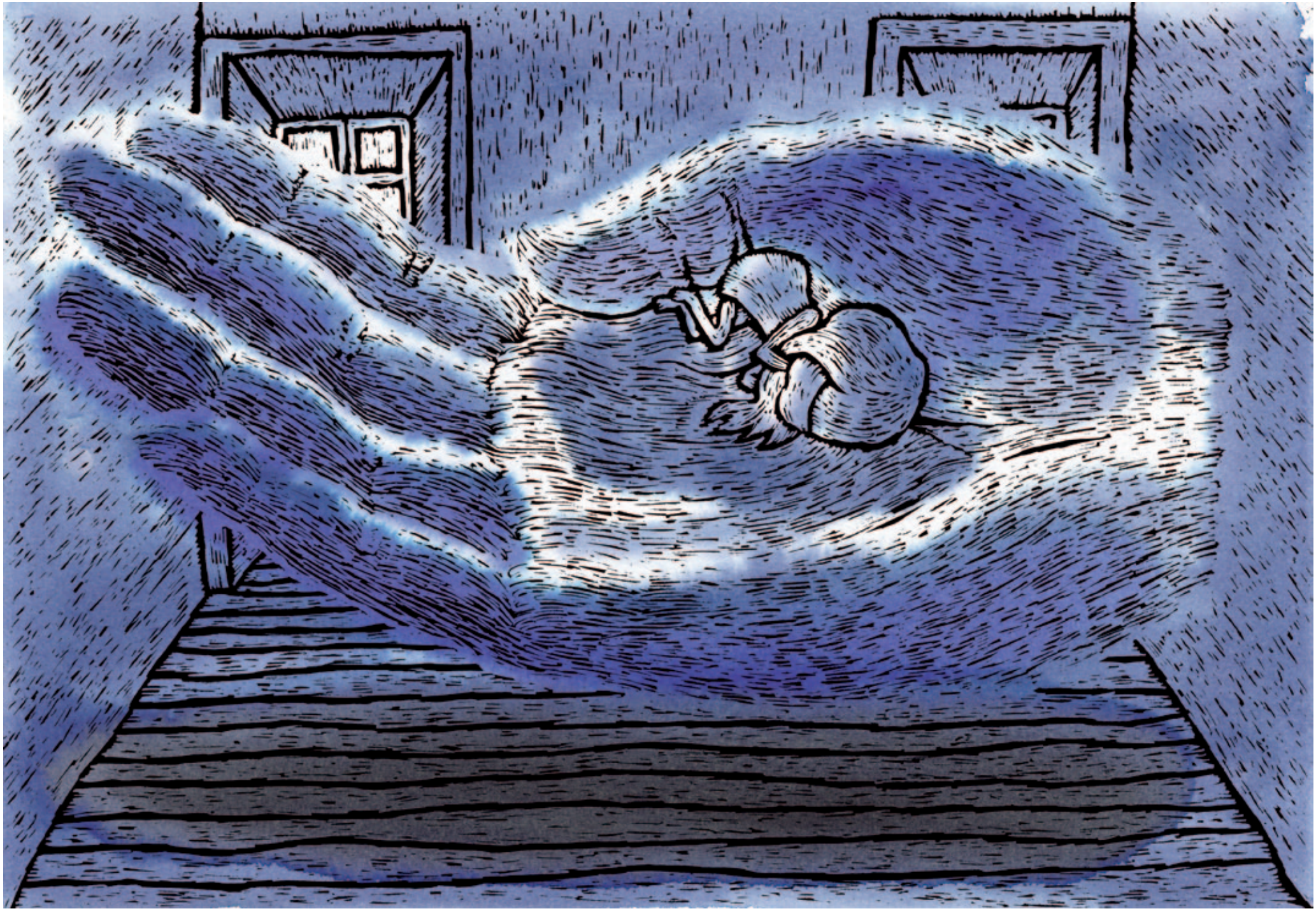
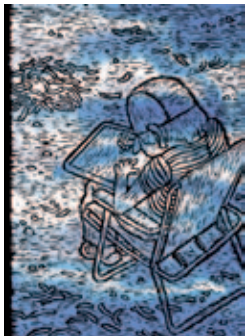
mento me indicaram ordens possíveis. Alguns desenhos eram o meu esforço para representar exatamente o que tinha visto, outros começaram por aí mas foram evoluindo para outras coisas como se o que eu tivesse visto fosse apenas a ponta de um iceberg. Mais para o fim, desenhei algumas imagens para completar sequências, pensando que poderia ser difícil para o leitor digerir saltos – temporais, de assunto – tão grandes entre as imagens. Já os textos, essas pequenas bandas desenhadas mudas que entrecortam as passagens, existem há muito tempo num pequeno caderno que escrevinho, chamado *I Went To* (inicialmente escrito em inglês – tinha acabado de regressar de Londres), onde construo pequenas narrativas de peripécias pessoais que têm uma reverberação qualquer. A versão inicial do livro, pré-hospital, tinha muito mais textos desses.»

Em várias entrevistas concedidas a propósito deste livro, António Jorge Gonçalves contou como o título *A Minha Casa Não Tem Dentro* lhe foi oferecido pelo escritor angolano Ondjaki, que lhe deu a ouvir uma estiga – espécie de narrativa partilhada, quase numa desgarrada, entre dois interlocutores, normalmente crianças – que continha a frase. Nessa altura, o autor ainda não sabia que iria vivenciar um episódio de saúde como o que desencadeou este livro, e muito menos que este livro ia nascer, mas a vontade de utilizar a frase num título surgiu logo: «Quando ouvi a gravação da estiga dita pelo miúdo, "tua casa não tem lá dentro", aquilo acertou-me no peito. Pensei: "sou eu". Disse logo ao Ondjaki que havia de ser título de um livro meu. Faz parte. Faz parte do processo, por vezes misterioso, de onde vêm as coisas, de como elas nos chegam, de como as encontramos, para as juntar mais tarde e dar forma a um objeto que saia das nossas mãos.»

A figura da criança que surge logo no início de *A Minha Casa Não Tem Dentro* é um dos elementos cuja leitura se oferece a muitas interpretações, sem que nenhuma delas se destaque num livro onde a narrativa linear tem tanta importância como a sucessão de imagens aparentemente desordenadas, a torrente de pensamen-



tos que podemos atribuir ao narrador do início do livro ou à criança, a certeza de que nem todos os momentos de uma vida (talvez mesmo quase nenhum) se apresentam arrumados e ordenados como numa história pronta a contar. Sobre a criança, diz António Jorge Gonçalves: «Quando aquela criança apareceu nos desenhos eu achei que era a minha filha, mais à frente achei que não, que era outra coisa. Mas não quero falar muito disso, para não trair os desenhos. Porque há de lá estar tudo nos desenhos, aquilo que quis contar. O texto de entrada está colado a esse desenho, ele é de uma memória marcante da construção da minha relação com o mundo, não só com o desenho.» Essa relação surge no livro como um eixo estruturante, uma linha que se inicia nas vinhetas de abertura, prosseguindo em referências frequentes ao longo da narrativa. Para o autor, o desenho é um gesto essencial na sua relação com o mundo: «Acho que não exagero muito se disser que eu e o desenho somos indissociáveis. O desenho salvou a minha infância e a minha adolescência, mobilou a minha solidão. E ao mesmo tempo foi ele que construiu uma ponte para os outros. É um paradoxo: como é que um momento de tanta intimidade e reserva pode ser a mola para eu vir a pertencer aos outros?» De certo modo, é esse mesmo paradoxo que se assume plenamente neste *A Minha Casa Não Tem Dentro*, um gesto de entrega que nasce num momento limite e se transforma numa partilha generosa de memórias, respirações essenciais, fluxos de vida a vislumbrarem a sombra de Caronte e a remarem serenamente no sentido inverso. No fim, duas pranchas estruturalmente semelhantes às primeiras fecham o círculo da viagem, contando um episódio cuja repetição ilusoriamente *ad aeternum* atesta a continuidade da vida. O narrador conta que levou a filha ao jardim, que a filha brincou em vários espaços, que no dia seguinte quis repetir tudo outra vez. E nas linhas da caligrafia da penúltima vinheta, onde se lê «e eu fui com ela», adivinha-se o vazio da vinheta seguinte, como se já não houvesse motivo para desenhar, pelo menos neste contexto. Difícil não lembrar as Parcas, que com a sua



tesoura mitológica tinham o poder de cortar o fio da vida, mas que aqui apenas teriam conseguido contemplar os muitos fios que o gesto de desenhar foi puxando sem nunca se deixar interromper. Regressando ao desenho como pedra basilar, diz António Jorge Gonçalves: «O desenho já foi um pouco de tudo na minha vida: ostra, mapa, objeto de sedução, torturador, megafone, não chegam as palavras. Mas os desenhos do *Subway Life* foram um momento incrível, o de descobrir que queria desenhar no meio de pessoas, com elas. Foi isso que me catapultou para o palco, para os espetáculos de desenho digital, sem rede, improvisando um discurso desenhado que não é projetual (para os desenhadores quase sempre o processo de construção de um desenho é projetual: ideia-esboço-aperfeiçoamento-finalização). Um discurso coreográfico, da mão e do cérebro, um lugar para a emoção em tempo real. Um lugar onde não há tempo para dares um sentido ao que estás a fazer. E o diálogo com outros artistas, a dança que acontece quando trabalho com um músico, um bailarino, um ator. Era uma dança que já tinha tido o seu esboço com o Nuno Artur Silva e o Rui Zink, mas que cresceu com a adrenalina do palco, de estares a fazer não só com os teus parceiros de palco, mas com todo o público. Quando estou no palco, em improviso absoluto, não são só as pessoas do público que vão tentando adivinhar que desenho os meus traços estão a construir; eu também estou a tentar adivinhar. Procuramos juntos. Isto é uma coisa com que eu nunca tinha sonhado quando comecei a desenhar, espinha curvada sobre o papel.» A mesma espinha curvada do homem que, no início deste livro, desenha sentado no chão a criança à sua frente, como se nesse gesto coubesse o mundo e todas as suas órbitas.